

19. Hochschule Für Gestaltung (HFG-ULM) (Baden-Württemberg, 1953)

Mônica Moura

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MOURA, M. Hochschule Für Gestaltung (HFG-ULM) (Baden-Württemberg, 1953). In: *Design coletivo: grupos, movimentos e escolas do moderno ao contemporâneo* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 113-120. ISBN: 978-65-5714-296-7. <https://doi.org/10.7476/9786557142967.0020>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

19

HOCHSCHULE FÜR GESTALTUNG (HfG-ULM)

(BADEN-WÜRTTEMBERG, 1953)

Como mencionado anteriormente, a Bauhaus, com sua proposta pioneira e inovadora, influenciaria inúmeras escolas que se estabeleceriam dando continuidade às suas propostas e ampliando o campo de ação do design, buscando uma formação e adequação aos novos tempos. Uma delas foi a Escola de Ulm, a Hochschule für Gestaltung.

Em 1947, Max Bill (1908-1994), ex-aluno e um entusiasta dos ensinamentos da Bauhaus, encontra Inge Aicher (1917-1998) e Otl Aicher (1922-1991), que influenciados pelas experiências positivas relatadas por Bill decidem constituir uma escola semelhante na cidade de Ulm.

O casal Aicher constituiu uma fundação, chamada Irmãos Scholl (em homenagem aos irmãos executados pelos nacional-socialistas), para inaugurar uma escola na qual o saber profissional e a criação cultural fossem paralelos à responsabilidade política. A fundação foi criada com o apoio e o incentivo do alto comissário americano para a Alemanha, John McCloy (1895-1989). O edifício foi projetado por Max Bill e começou a ser construído em 1953.

A HfG-Ulm foi fundada como a principal escola de design que surgiu na Alemanha no pós-Segunda Guerra

Mundial e diante da necessidade de reconstrução das cidades e dos sistemas educacionais econômicos e produtivos germânicos.

Walter Gropius proferiu o discurso de abertura da HfG-Ulm e, segundo Bürdek (1999), rechaçou a ideia de que a Bauhaus tivesse praticado um racionalismo simplista, apontou que o designer deve encontrar em seu trabalho um novo equilíbrio entre as aspirações práticas e as estéticas e psicológicas de seu tempo e que a obrigação de uma escola superior é fomentar o acúmulo de conhecimentos e educar o entendimento e os sentidos.

O designer gráfico brasileiro Alexandre Wollner¹ (1928-2018) teve sua formação na escola de Ulm e relatou que

foi marcado profundamente desde a seleção para a composição da primeira turma de trinta alunos com experiência semiprofissional – artistas e artesãos brasileiros, americanos, suíços, italianos, franceses, argentinos, japoneses, holandeses – e seis jovens professores com experiência profissional que, em conjunto, atuavam em sistema de mutirão, produzindo e instalando equipamentos, trabalhando no acabamento final dos edifícios da própria escola, resultando em uma equipe de funções e responsabilidades equivalentes, espírito que teve continuidade durante os quatro anos acadêmicos e definiram a filosofia de orientação da escola que englobava desde a resolução dos problemas de reconstrução da Alemanha até a racionalização dos meios produtivos de construção em todos os níveis onde o design atuava (arquitetura

1 Entre os projetos realizados por Wollner estão a identidade visual do Banco Itaú, Instituto Cultural Itaú, Metal Leve, Philco, Hering e Postos São Paulo, além dos projetos editoriais para a Papaiz, embalagens para a Sardinhas Coqueiro e tintas Sumaré, e projetos de design de informação para a empresa Bergamo, entre outros.

industrial, design, comunicação visual e informação). (Wollner, 2003, p.66)

Max Bill foi o primeiro diretor dessa escola e desenvolveu uma proposta pedagógica que seguiu e promoveu os princípios da Bauhaus. Tanto Heskett (1997) quanto Bürdek (1999) indicam essa questão: no princípio, o programa da Escola Superior orientou-se rigorosamente segundo o modelo da Bauhaus de Dessau; a influência dela se fez presente em Ulm desde a constituição do corpo docente até o conceito do projeto e a metodologia de ensino.

O projeto pedagógico da HfG-Ulm caracterizou-se pela qualidade técnica, formal e por um método direcionado às questões projetuais, pautadas por um caráter sistemático, material e racional em que imperavam as relações entre tecnologia e produção industrial. O processo de ensino ocorria a partir dos seguintes departamentos: formação básica, construção, cinematografia, informação e comunicação visual.

Bürdek (1999, 2006) apresenta seis fases de desenvolvimento da HfG-Ulm, de sua fundação até seu encerramento. A primeira fase ocorre entre 1947 e 1953 a partir da constituição da fundação Irmãos Scholl (mantenedora da escola). Max Bill, Inge e Otl Aicher e Walter Zeischegg (1917-1983) elaboram a proposta da escola embasados na relação equitativa entre o saber profissional, a criação cultural e a responsabilidade política.

Na segunda fase, de 1954 a 1956, os cursos são iniciados em edifícios provisórios. Max Bill inaugura o novo edifício projetado por ele em 1955. Ex-alunos (como Helen Nonné-Schmidt) e ex-professores da Bauhaus (Josep Albers, Johannes Itten e Walter Peterhans) lecionam em Ulm, quando se caracteriza uma continuidade da tradição da Bauhaus nas questões metodológicas, conceituais e docentes. Porém, não havia disciplinas de arte, que era

aplicada somente nos trabalhos de formação básica. Max Bill defendia em Ulm o formalismo geométrico típico da Bauhaus, acreditando que os produtos baseados nas leis matemáticas tinham uma pureza estética e consequentemente eram mais atrativos.

Segundo Souza (1997, p.63), na Escola de Ulm “discutia-se a possibilidade efetiva da contribuição para o progresso democrático de um estabelecimento de ensino voltado para a produção de produtos industriais e de cultura material. Em certo sentido, pode-se dizer que foi uma retomada da discussão iniciada na Bauhaus”.

Tomás Maldonado (1922-2018), docente da escola, apontava a necessidade de formular novos princípios e metodologias que permitissem aos designers atuar de modo mais flexível com as complexas exigências tecnológicas e industriais. Para isso, era necessário abandonar os métodos bauhausianos. Perante essa situação, Max Bill se demite do cargo de diretor, sendo sucedido por Maldonado.

A terceira fase, entre 1956 e 1958, é marcada pela constituição de um novo modelo pedagógico que estabelece a estreita relação entre design, ciência e tecnologia a partir de disciplinas científicas e a defesa do funcionalismo, ou seja, a resolução de problemas de forma prática, lógica e eficiente levando em consideração a cultura local. Max Bill abandona a escola por estar em desacordo com os conteúdos do programa. Ainda em 1956, Hans Gugelot (1920-1965) assume o departamento de produto e defende o funcionalismo.²

2 O funcionalismo é uma visão do design e da arquitetura cujo objetivo é resolver problemas de forma prática, lógica e eficiente. Em sua metodologia, o ambiente da região e a cultura local devem ser considerados para a realização de um projeto eficiente. Essa visão foi proposta por vários grupos, movimentos e escolas de design, desde William Morris, mas muitas vezes o arquiteto americano

Na quarta fase, de 1958 a 1962, ocorre o desenvolvimento das metodologias de design, com grande destaque dos sistemas modulares para o desenvolvimento de projeto. Os docentes das disciplinas de ergonomia, técnicas matemáticas, física, politicologia, psicologia, economia, matemática, semiótica, sociologia e teoria da ciência exigem maior importância para elas no programa de estudos. Essa fase caracteriza-se pelo racionalismo alemão, mas a incorporação de novas disciplinas exigiu a contratação de novos professores e houve fragilização das já existentes.

Outros docentes foram eleitos para o departamento de design de produto, como o mencionado Walter Zeischegg, Horst Rittel (1930-1990), Herbert Lindinger (1933) e Gui Bonsiepe (1934).

A metodologia de ensino e o projeto pedagógico de Ulm, especialmente quando se desligam da sistemática da Bauhaus, imprimirão uma nova maneira de ensinar e produzir design. Dessa forma, estabelecem uma visão racionalista de formação em design: “Embora a escola tenha tentado humanizar a metodologia do design dando cursos de semiótica, antropologia, estudos contextuais, teoria dos jogos e psicologia, deve a maior parte de sua fama ao desenvolvimento de uma abordagem funcionalista e sistemática do processo do design que se assentava essencialmente na engenharia” (Fiell; Fiell, 2000, p.332).

A quinta fase, entre 1962 e 1966, é caracterizada pelo equilíbrio entre as disciplinas teóricas e práticas. Algumas equipes formadas por professores e alunos elaboram projetos para a indústria enquanto o empresariado alemão coloca em prática os sistemas de produção racional e as investigações tecnológicas desenvolvidos nessa escola.

Louis Sullivan (1856-1924) é considerado o pai do funcionalismo. Isso acontece por ele ter cunhado a expressão “a forma segue a função” em 1896.

A sexta e última fase tem lugar entre 1967 e 1968 com a desatualização dos conteúdos abordados e a busca de uma nova orientação diante dos problemas gerados pelas críticas ao funcionalismo e às questões ecológicas, somadas ao fato de que a comercialização dos projetos industriais resultou na falta de independência e na limitação das equipes envolvidas na elaboração de novas propostas. Essa fase também foi caracterizada pelos problemas internos da escola marcados pela nítida exploração dos sistemas industriais que levou os professores a deixar de exercer a crítica ao sistema, pois eram fornecedores e clientes das indústrias. A perda de visão crítica impediu que práticas inovadoras fossem estabelecidas e refletissem na condução do projeto pedagógico para a formação de novos profissionais. A reivindicação dos estudantes exigia maior autonomia e a prática efetiva do papel de relevância social que deveria caracterizar uma escola de design.

Em 1968, quando foram retirados os subsídios destinados à escola, os professores da escola de Ulm votaram pela sua extinção e encerraram suas atividades após 15 anos de existência. Apesar de a HfG-Ulm ter-se estabelecido com importância perante a educação e o mercado industrial, não conseguiu solucionar os problemas internos nem resistiu aos choques com o neocapitalismo alemão, sendo considerada por sua visão racionalista e funcionalista como uma nova política de esquerda e, segundo as autoridades governamentais, o programa educacional da HfG-Ulm era muito radical.

A contradição fundamental que parece ter impedido o sucesso de Ulm foi a dicotomia entre o funcionalismo vinculado à engenharia e a humanização da metodologia do design em busca de maior autonomia na concepção projetual.

A visão e o espírito ulmianos influenciaram as subsequentes escolas de design, especialmente na América

Latina. Apesar de ter adquirido um lugar mítico (assim como a Bauhaus), em termos de formação há alguns aspectos questionáveis. Bürdek (1999) nos lembra que, assim como os membros da Bauhaus, os integrantes da HfG-Ulm se consideravam uma comunidade espiritual e vital. Porém, por um lado, do total de 640 estudantes que ingressaram na escola na condição de profissionais iniciados, só 215 se formaram, indicando uma evasão de 425 alunos, 65% dos ingressantes, questão que demonstra um sério problema na concepção e condução pedagógica, acadêmica e educacional. Por outro lado, para muitas pessoas o fato de ter estudado em Ulm, independentemente do tempo vivenciado naquele local ou de ter realizado o curso completo, adquiriu a mesma importância de ser titulado em Ulm, especialmente para as de grupos sociais que não valorizam sua própria cultura e acreditam na soberania do estrangeirismo e da cultura europeia.

A falta de análises mais aprofundadas e de visão crítica em relação a uma proposta pedagógica e o fato de haver poucas publicações a respeito de experiências bem-sucedidas no ensino de design tornam a HfG-Ulm forte influência para a formação de outras escolas fora da Alemanha, quando muitos de seus membros buscaram trabalhos em outros países. Mas é importante observar que as influências de Ulm se estabelecerão de fato principalmente nos países em desenvolvimento ou de terceiro mundo, como eram denominados na época, como podemos verificar no tópico a seguir.

Repercussões da HfG-Ulm

No Brasil a fundação da Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI) no Rio de Janeiro em 1962 teve a participação ativa de dois ex-alunos da HfG-Ulm: o designer

brasileiro Alexandre Wollner e o designer alemão Carl Heinz Bergmiller, que se tornaram docentes dessa escola. Entre 1984 e 1987, o Laboratório Brasileiro de Design Industrial (LBDI) contou com a participação do ex-professor da HfG-Ulm Gui Bonsiepe.

Outros países da América Latina que receberam influências e geraram repercussões dessa escola são Chile, Cuba e México. No Chile, na década de 1970, ocorreu um movimento para o desenvolvimento de produtos destinados às necessidades básicas com os conceitos projetuais influenciados pelo ideário da Ulm. Cuba teve o desenvolvimento da Oficina de Design Industrial (Ondi) em 1980 para organizar a atividade de design no país por meio da política do estado no campo do design industrial e da comunicação visual. No México desenvolveu-se um curso de pós-graduação em design na Universidade Autônoma Metropolitana da Cidade do México. A Índia teve o National Institute of Design em Ahmedabad e o Industrial Design Center em Bombay. Em Paris foi fundado o Instituto para a Configuração do Meio Ambiente, no início da década de 1970, mas ele foi extinto com apenas alguns anos de vida.